



***Black Mirror: distopias, mídias sociais e políticas na internet***  
***Black Mirror: dystopias, social media and politics on the internet***

**Lucas Melo Rodrigues de Sousa**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas,  
<https://orcid.org/0000-0002-9718-8075>, [lucarmelo@yahoo.com](mailto:lucarmelo@yahoo.com)

Black Mirror é uma série britânica antológica de ficção científica, criada por Charlie Brooker e exibida pelo Channel 4 e Netflix. Ela é situada em assuntos obscuros e satíricos que analisam a sociedade moderna, particularmente em respeito das consequências imprevistas das novas tecnologias. Na era da Internet e, por conseguinte, do uso diário e frequente de redes sociais onde o compartilhamento de hábitos, pensamentos e situações cotidianas são amplamente difundidos. É necessário ponderamos, mesmo que brevemente, a respeito das tecnologias enredadas no provimento de informações que se multiplicam rapidamente nas telas dos nossos aparelhos eletrônicos.

Black Mirror é um dos pontos altos da televisão, que em vez de nos hipnotizar e nos fazer esquecer o mundo que nos rodeia, nos motiva para que sejamos mais críticos à realidade contemporânea. No primeiro episódio da terceira temporada, intitulado “*Nosedive*” ou “Queda Livre” que, apesar de futurista, nos lembra enormemente nossa realidade. As curtidas, reações, comentários e apoio virtual se torna a obsessão da personagem principal tendo em vista que toda atitude naquele mundo é avaliada diretamente pelas pessoas, semelhante à redes como Facebook, Instagram, Twitter e até mesmo aplicativos de corridas.

Assim, o uso da internet no episódio é feito com o intuito de que se receba aceitação exterior diária ao usuário, mensurado seu valor e reputação através de uma nota. Relevante comentar também sobre o documentário “O dilema das Redes Sociais” da Netflix que traz uma ponderação interessante sobre o termo “usuário”, este é utilizado apenas em duas indústrias: drogas e software. A venda do mundo no episódio é feita pelos



tons pastéis e ausência de cores que trazem uma visão negativa. Como as redes sociais, esse mundo esconde um rosto e gosto amargo.

O uso da internet no episódio é perpetuado de forma semelhante à realidade. Toda distribuição de informações é feita através do *News feed*, página da rede social que expõe ao usuário suas próprias postagens e postagens de terceiros. As postagens vinculadas são influência das relações do usuário a outros indivíduos e por suas próprias postagens (*likes*, comentários, entre outros).

Entretanto, nem tudo que é postado será exposto na página de todos os usuários, sendo empregados sistemas computacionais para filtrar o conteúdo exposto, impedindo sobrecarga de informações e sujeitando, em tese, o que é interesse aos usufrutuários, mas, sempre vinculando os tidos como nota superior a 4.8, analogia à classe A do mundo diatópico.

No episódio do *Black Mirror*, a avaliação confere ao usuário acesso à benefícios exclusivos, desde que se torne um *influencer* nas redes sociais, o que é reflexo no mundo real. É fornecido para os sujeitos com padrão de excelência, que possuem melhores taxas de financiamento imobiliário, carros especiais e os melhores assentos na compra de passagens aéreas.

A realidade exposta no episódio não está tão distante do mundo no qual vivemos atualmente. Os mundos real e cibernético andam juntos. A título de exemplificação, anteriormente, para fazer a criteriosa escolha de informações a serem expostas no News Feed, a rede social Facebook usava um sistema criado por Serkan Piantino (EdgeRanks), pesquisador da área de Inteligência Artificial. O EdgeRank operava induzindo em consideração a afinidade (assiduidade de interação entre o criador da postagem e outro usuário) a importância (mensurada pela quantidade de likes e de comentários) e a data da postagem (quanto mais velha, menos considerável), em paralelo com a série e o mundo real a ausência de múltiplas finalidades acabam implicando exclusão e discriminação.

Atualmente a Facebook utiliza um sistema de algoritmo de aprendizagem de máquina ainda mais complexo (um sistema de dados em busca de padrões) para filtrar a seleção de posts exibidos no News Feed do usuário. Diferente do EdgeRank esse algoritmo é modificado frequentemente e leva em consideração, atualmente, 100.000 fatores. A discussão surge pela filtragem de dados realizada pelo algoritmo, no episódio



ao se encontrar em determinada situação é necessário se reafirmar virtualmente como uma pessoa luxuosa, sempre ativa e feliz, agindo excluindo e ignorando as pessoas que não pertencem ao nicho padrão virtual.

Esses algoritmos são restritos, ou seja, apenas seus criadores compreendem como verdadeiramente funcionam. Não há como ter ciência de como e quais dados serão de fato expostos aos usuários, o que nos leva a algumas ocorrências perigosas. Exibindo apenas informações filtradas pelos sistemas proprietários, ela cria com potência bolhas de dados que enclausuram seus usuários.

O filtro de dados pode induzir a distorção dos fatos, ao final do episódio a personagem principal se conforta com uma pessoa com nota zero por ser completamente contrária ao uso de redes sociais, equivalente a distorção de fatos pode alterar resultados nos mais diversos âmbitos, como por exemplo nas últimas eleições presidenciais brasileiras através de fake News reiteradas em redes sociais.

A internet é agnóstica e pode ser utilizada para o bem ou mal, ainda que inicialmente possua a proposta de levantar participação cidadã e ampla pesquisa, prova disso é que tem se observado grande utilização dessa ferramenta de modo que ocorra lesão a direitos humanos. Os direitos humanos e fundamentais quando vinculados ao âmbito virtual buscam estabelecer um status de democracia na internet, em que haja transparência, visibilidade e capacidade de representação de todos os povos, métodos de valorização de determinados tipos de conduta e estilos de vida com objetivos discriminatórios devem ser repudiados.

No mundo online, é basilar materializar o Marco Civil da Internet e seu artigo 19 como instrumento que está a serviço da efetivação dos direitos humanos, com inclusão da liberdade de expressão. Vale enfatizar, para não restar qualquer dúvida, que a liberdade de expressão não é e nem pode ser fundamento para a violação de outros direitos humanos, muitas vezes tal liberdade é utilizada de forma equivocada com intuito de que o usuário se sinta pertencente a determinado grupo.

Medidas educativas acionadas por meio de políticas públicas demandadas para combater violações de direitos na internet são fundamentais. Criar mecanismos que coajam os provedores de aplicação e conteúdo a darem maior transparência às suas políticas e termos de uso, criar efetivamente instrumentos de intermediação entre esses provedores e seus usuários e tornar mais claros os critérios para promoção de postagens,



descerramento de publicidade e de funcionamento de seus algoritmos, que incitam a bolha do preconceito e do ódio.

Face a isso, a democracia que construímos deve ser levada de modo mais ativo para o ambiente virtual, sendo necessário que todos entendam como a internet funciona e isso pode ser implementado por meio de uma alfabetização digital coletiva, partindo da ideia de que todo ser humano possui direito à instrução em graus elementares e fundamentais.